



UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL – CURSO DE PSICOLOGIA

## **Estágio Básico II**

Cíntia Helena Leite da Silva

Prof.<sup>a</sup> Juliana Carmona Predebon

Guaíba

2018

## **PEDOFILIA: COMO PODEMOS PROTEGER NOSSAS CRIANÇAS?**

Cintia Helena Leite da Silva\*

Juliana Carmona Predebon\*\*

**Resumo:** O presente artigo visa esclarecer os leitores acerca do que significa realmente o Transtorno Pedofílico (Pedofilia), quais os critérios para que um abusador sexual seja enquadrado realmente como “pedófilo”, bem como traz informações importantes sobre como podemos proteger as crianças dos ataques destes predadores. Iniciamos com um breve relato sobre as características da infância que contribuem para a aproximação e assédio do abusador, os artifícios utilizados pelos mesmos para intimidar e silenciar suas vítimas, a dificuldade da família em admitir que pessoas de suas relações e confiança são abusadores sexuais. Neste trabalho apresento também as características apresentadas pela criança abusada sendo a principal delas a mudança de comportamento, normalmente percebidas pela escola. Como metodologia para coleta de dados a respeito do tema, foi utilizado o método de análise de conteúdo de Bardin, através do qual foi realizada uma entrevista semi- estruturada com a ex- conselheira tutelar sra. Rosiléia Benke que atuou pelo período de 7 anos no Conselho Tutelar da cidade de Teutônia R/S. A abordagem da pesquisa, de caráter qualitativo buscou responder às questões centrais, sobre como ocorre o acesso dos pedófilos às crianças, aspectos que contribuem para a vulnerabilidade da criança ao agressor sexual, bem como exemplos que possibilitam identificar o perfil do pedófilo. Levantou-se dados importantes sobre as ocorrências do abuso (quase sempre no âmbito familiar) para que as pessoas estejam mais atentas às relações que envolvam crianças, para que se consiga desfazer a visão romaneada de que o seio familiar é sagrado e que nada de ruim pode acontecer, infelizmente os dados pesquisados refutam esse pensamento indicando que a mudança de mentalidade é apenas uma das atitudes que podemos e devemos adotar para proteger nossas crianças. Este estudo traz importante informação sobre como denunciar, via telefone, bem como o esclarecimento de como são feitos os procedimentos de apuração dos fatos denunciados. No entanto, o que mais chamou a atenção foi a dificuldade de realização de um trabalho preventivo contra a pedofilia, onde a entrevistada reconhece a dificuldade do Conselho Tutelar em realizar este trabalho (palestras nas escolas, para a comunidade em geral) e percebe-se o quão necessário e urgente se torna a iniciativa de realização de projetos de caráter esclarecedor para evitar e prevenir o ataque dos pedófilos não apenas pelo Conselho Tutelar como todas as instituições com capacidade para tal como prefeituras, escolas, associações e a sociedade de um modo geral .

**Palavras-chave:** Pedofilia, Abuso sexual, Infância, Prevenção.

---

\*Aluno da disciplina de Estágio Básico II do curso de Psicologia da Ulbra Guaíba Mail: chsilva76@gmail.com

\*\* Docente da disciplina de Estágio Básico II do curso de Psicologia da Ulbra Guaíba Mail: [juliana@turistar.com.br](mailto:juliana@turistar.com.br)

A infância e a adolescência são etapas do ciclo vital nas quais o indivíduo desenvolve suas capacidades cognitivas, afetivas e físicas. Conforme ilustra Habigzang & Caminha (2004) crianças e adolescentes são considerados sujeitos em condições peculiares de desenvolvimento devendo receber todo nosso cuidado e proteção para desenvolvimento de suas habilidades.

Como a família é a primeira instituição onde a criança é inserida, espera-se que esta seja capaz de proteger e orientar com relação ao que é certo e errado pois do contrário, a criança não tem maturidade física nem psíquica para compreender e/ou defender-se de determinadas situações que se apresentam como ameaçadoras.

O abuso sexual é uma forma de violência que atinge principalmente as crianças e adolescentes e segundo pesquisas, grande parte das vítimas são meninas, a cada dia se vê mais e mais notícias sobre casos de violência muitos inclusive que levam a morte.

Alguns fatores colaboram para que as crianças com maior ou menor grau de instrução e proteção por parte dos pais e cuidadores acabem se tornando vítimas de abusadores sexuais os quais chamarei neste artigo de “pedófilos”, que de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – 5) assim define a pessoa com Transtorno Pedofílico: “Indivíduo que por um período de pelo menos seis meses tem fantasias sexualmente excitantes, impulsos sexuais ou comportamentos intensos recorrentes envolvendo atividade sexual com criança ou crianças pré-púberes ( em geral 13 anos ou menos). O indivíduo coloca em prática esses impulsos sexuais e os impulsos ou as fantasias sexuais causam sofrimento intenso ou dificuldades interpessoais.”

Esse transtorno é considerado uma parafilia e ocorre quando o interesse sexual por crianças é maior ou igual ao interesse por indivíduos fisicamente maduros.

Conforme ilustra Jull (2009), um fator determinante que é ensinado à criança desde tenra idade é que esta deve obedecer. A obediência foi considerada por séculos como um indicativo de boa educação e as pessoas que não se opunham às autoridades eram valorizadas, principalmente as crianças; no entanto hoje, entende-se que esta conduta do ponto de vista existencial e psicológico pode ser posta em dúvida.

O fato de a criança estar habituada a obedecer, auxilia o abusador no momento de abordá-la, pois por padrão, a mesma já tem o entendimento de que deve “obedecer aos mais velhos”. De acordo com a doutora em psicologia clínica Sandra Dias, professora de Psicopatologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo, pedofilia por si (desejo e amor por crianças, surgido na Grécia), não designa um crime, o que é condenável é o abuso sexual, físico e psicológico uma vez que a criança não tem condições emocionais e psíquicas de se defender (Revista Viver Mente e Cérebro, 2005, pág 62).

Por incrível que pareça, há autores que defendem a pedofilia, conforme ilustra Salter (2009), autores como Judith Levine e Bruce Rind ignoram que a manipulação exercida pelo abusador sobre a criança constitui uma desvantagem para a mesma pois ela não tem ideia das intenções do agressor e nenhuma forma de saber que a afeição não é genuína. Para estes autores, esse tipo de manipulação não ocorre, e as crianças e adolescentes são consideradas por eles como parceiros iguais aos adultos em atividades sexuais.

Outro fator que propicia o abuso é natureza inocente da mente infantil, que dificilmente vai saber distinguir o que é carinho de abuso. Conforme ilustra May (1981) a inocência é uma qualidade da imaginação, tudo conserva o seu frescor e sua pureza de onde jorram o assombro e o encantamento.

Mais um aspecto determinante para que o ataque à criança seja bem sucedido é o fato de o abusador, geralmente, ser alguém em quem a criança e os familiares confiam e com quem possuem laços afetivos. Conforme a fala de uma vítima adulta: “É vergonhoso ter sido abusado sexualmente. E a família não tolera pensar que algo assim tenha ocorrido ‘dentro de seu mundo sagrado e limpo’. Quase nada vem a público.” (Revista Viver Mente e Cérebro, 2005).

A dificuldade de aceitar que existam estes verdadeiros “predadores” no seio das relações interpessoais é difícilíssima, conforme ilustra Salter (2009), afinal de contas abusadores de crianças são vistos como “monstros, pervertidos e esquisitos”, logo ninguém acreditará em uma denúncia de que seu amigo/vizinho/tio/padre ou pastor simpático é um “monstro” e uma vez instaurada essa negação, dificilmente evidências mudarão suas mentes.

É difícil para cidadãos comuns aceitarem que a pedofilia está associada a pessoas aparentemente comuns, iguais a qualquer pessoa que obedecem à lei, são responsáveis no trabalho, bons pais de família e, amigos leais e ainda assim, podem ser pedófilos compulsivos.

De acordo com Salter (2009), o pedófilo tenta de todo modo não ser pego, mas caso isso aconteça, utiliza como umas de suas técnicas a “*intimidação*”. Em entrevista com um abusador, ele relata para a autora que o “segredo” é basicamente permanecer calmo, olhar quem quer que seja nos olhos e encarar a vítima de modo a deixá-la nervosa; pois quanto mais nervosa a mesma ficar, mais vai parecer que está mentindo. Na visão do abusador entrevistado, basta mesmo apenas um olhar para traumatizar a criança.

Cerca de 60 a cada 100 agressores sexuais irão cometer novos abusos depois do tratamento mais eficaz disponível hoje em dia (castração química), ou seja, estamos bem longe de “curar” a pedofilia de acordo com Salter (2009).

Conforme Pucci e Oliveira (2013), o combate à pedofilia tem sido um desafio para países como os Estados Unidos onde castração química e a psicoterapia tem sido utilizadas, por que o pedófilo tende a continuar agindo mesmo após ser pego pela primeira vez pois o Transtorno Pedofílico é caracterizado pela *obsessão e compulsão*.

Ainda de acordo com as autoras, a melhor maneira de evitar que crianças sejam abusadas é todos estarem bem informados para prevenir o abuso e proteger seus filhos, pois só a lei não é suficiente.

Como explica a doutora Sandra, o pedófilo sente-se atraído pela criança amada pela mãe que ele mesmo foi um dia. Ele encontra-se fixado nesta imagem e não sente culpa, chegando até mesmo a acreditar que foi a criança quem o seduziu. Muitos apresentam baixa auto-estima, e histórico de abuso sexual sofrido na infância (Revista Viver Mente e Cérebro, 2005, pág 62).

As pessoas não são iguais e portanto, não reagem da mesma forma à mesma situação, por isso, identificar o abuso sexual em uma criança exige uma observação criteriosa e

atenção à sinais de alerta, tais como: mudanças de comportamento, aspectos físicos, de relacionamento, emocionais, cognitivos e de sexualização precoce.

De acordo com as autoras Pucci e Oliveira (2013), a criança abusada encontra-se paralisada pelo medo, pela vergonha e pela culpa por achar que o ocorrido tem a ver com algo errado que possa ter feito e até mesmo por ter sentido algum tipo de prazer, mesmo sem ter noção de sua sexualidade.

Dependendo da idade, a vítima não conseguirá verbalizar o que aconteceu (até 6 anos) e os que já tem condições de narrar os fatos (de 7 a 12 anos), normalmente não o fazem porque não temos o hábito de abrir um canal para o diálogo franco sobre algo que ainda soa tão constrangedor como a sexualidade.

Para as autoras, devemos ficar atentos a sinais como: altos níveis de ansiedade, imagem corporal distorcida, baixa autoestima, sentimentos de menos valia, distúrbios do sono e/ou na alimentação, enurese noturna, distúrbios no aprendizado, comportamento muito agressivo, apático ou isolado, comportamento tenso (sempre em “estado de alerta”), regressão a comportamento infantil, tristeza, abatimento profundo, comportamento sexualmente explícito ( ao brincar demonstra conhecimento inapropriado para a idade), não confia em adultos, entre outros.

A maioria das agressões sexuais não ocorrem de forma violenta, e sim na forma de *sedução*. Por este motivo, segundo Pucci e Oliveira (2009), nem sempre é possível identificar lesões anais, vaginais, marcas nos mamilos ou nas nádegas (arranhões, mordidas), distúrbios de sono, hematomas ou sangramentos em regiões suspeitas e/ou qualquer outra marca no corpo e isso não significa que a criança não tenha sido vítima de abuso, pois este pode ocorrer na forma de toque nas partes íntimas, sexo oral e outras práticas que não deixam marcas visíveis.

Os pais e cuidadores deve ficar alertas quando a criança apresentar coceira, inflamação ou infecção nas áreas orais ou genitais, tiver cheiro ou manchas de sêmen na roupa, no corpo ou na boca.

As autoras Pucci e Oliveira (2013) ilustram comportamentos característicos de crianças vítimas de abuso.

Através das brincadeiras é possível identificar situações de abuso onde a criança reproduz situações vividas. É comum a criança fazer desenhos de cunho sexual ou erotizar brincadeiras.

O abuso também tem efeito sobre os relacionamentos, como por exemplo a criança abusada tenta sempre agradar os outros (devido a culpa), se mostra submissa em excesso, tem fobia por intimidades ou qualquer manifestação de carinho. A criança pode sentir-se vazia e sem valor, indo da apatia à explosão de ódio.

No campo da cognição, a criança abusada tende a se “desligar” e isso faz com que ela tenha uma falta de percepção e atenção passando a viver uma vida à parte e com isso aparecem sinais como: baixa concentração na escola, dissociação mental, supergeneralização.

Identificamos também aspectos de sexualização como a criança passar a se comportar de forma sexual ou sedutora, tem comportamentos sexuais com bonecos e pessoas

adultas, masturbação excessiva, exibicionismo e reprodução de assuntos sexuais em falas e brincadeiras.

Diante do exposto finalizamos este artigo citando a melhor forma de evitar agressões sexuais: a prevenção. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, a prevenção classifica-se em primária, secundária e terciária, como segue:

*Prevenção primária:* objetiva a eliminação ou redução dos riscos como fatores sociais, culturais e ambientais que favorecem a violência contra a criança atuando nas suas causas. Trabalho informativo junto aos pais, e orientação que deve começar antes dos seis anos de idade. A participação dos meios de comunicação é de fundamental importância.

*Prevenção secundária:* objetiva a detecção precoce de crianças em situações de risco. Atua em situações já existentes, inclui capacitação de profissionais que lidam diretamente com vítimas de abuso e suas famílias.

*Prevenção terciária:* aquela que tem como objetivo o acompanhamento integral da vítima e do agressor e as respectivas famílias através de atendimento médico, psicológico, social e jurídico.

## **Objetivo Geral**

- Identificar aspectos que tornam a criança vulnerável a abusadores sexuais.

## **Objetivos Específicos**

- Conhecer como ocorre o acesso do abusador às crianças.
- Investigar aspectos que dificultam a identificação de um abusador sexual infantil.

## Metodologia

Como metodologia para coleta de dados a respeito do tema, foi utilizado o método de análise de conteúdo de Bardin, através do qual foi realizada uma entrevista semi-estruturada com a ex- conselheira tutelar sra. Rosiléia Benke que atuou pelo período de 7 anos no Conselho Tutelar da cidade de Teutônia R/S.

Desta vasta experiência, a entrevistada trouxe dados muitos relevantes para a construção deste trabalho fornecendo informações valiosas de situações vivenciadas durante o trabalho no Conselho.

A abordagem da pesquisa, de caráter qualitativo buscou responder às questões centrais, sobre como ocorre o acesso dos pedófilos às crianças, aspectos que contribuem para a vulnerabilidade da criança ao agressor sexual, bem como exemplos que possibilitam identificar o perfil do pedófilo.

## Discussão dos Resultados

Após análise da entrevista concedida, os resultados foram divididos em 3 categorias de acordo com os objetivos gerais e específicos agrupadas da seguinte forma: *vulnerabilidade*, *acesso e identificação* e foram feitas correlações com a revisão bibliográfica.

Na questão *vulnerabilidade*, a entrevistada corrobora com a autora May (1981) ao afirmar que o fato da criança ser inocente e muitas vezes carente de afeto facilitam a investida do abusador.

A entrevistada cita ainda fatores agravantes para o abuso o fato de a criança normalmente ficar sob o cuidado de adultos, pois desta forma a mesma fica na condição de inferioridade em relação ao cuidador adulto, tanto pela questão física quanto com relação à maturidade psicológica. Condições sócio -econômicas desfavoráveis como extrema pobreza e pais dependentes químicos contribuem significativamente para a ocorrência do abuso.

A capacidade de intimidação por parte do pedófilo também é citada pela entrevistada onde relata que grande parte dos abusadores quando descobertos ou diante da recusa da criança reage com ameaças a ela ou aos familiares, concordando com Salter (2009) onde a autora cita que até mesmo um olhar intimidador é capaz de traumatizar uma criança.

Com relação ao *acesso* do pedófilo às crianças, dentre outras formas citadas a mais comum ainda é dentro da própria casa, na família nuclear ou demais familiares.

Quando o abuso ocorre em ambientes externos, normalmente a aproximação se dá em locais com aglomeração de crianças como parques, escolas e o abusador costuma dar início à aproximação oferecendo presentes e doces cativando a criança e conquistando sua confiança.

Vale lembrar de que na era digital, este acesso pode ser inclusive virtual com a captação de fotos, trocas de fotos e vídeos contendo material pedofílico, formam uma

verdadeira máfia portanto, todo o cuidado é pouco ao postar fotos e vídeos em redes sociais.

No que tange à como *identificar* um pedófilo, há quase um consenso de que é tarefa bastante difícil, conforme ilustra Salter (2009) a dificuldade de aceitar que existam estes verdadeiros “predadores” no seio das relações interpessoais é difícilíssima, afinal de contas abusadores de crianças são vistos como “monstros, pervertidos e esquisitos”, logo ninguém acreditará em uma denúncia de que seu amigo/vizinho/tio/padre ou pastor simpático é um “monstro” e uma vez instaurada essa negação, dificilmente evidências mudarão suas mentes.

De acordo com a entrevistada, há bastante dificuldade das mães em dar crédito às denúncias dos filhos quando se trata de abusadores que são os pais ou padrastos, resistência em admitir quando há dependência emocional ou econômica do mesmo por parte desta mãe ou ainda quando há rivalidade desta com a criança pelo amor e atenção dos pais sendo mais facilmente identificado o abuso através de mudanças de comportamento da criança na escola, onde a partir da observação de professores a suspeita é levantada, encaminhada e então investigada.

A entrevistada cita alguns sinais aos quais podemos ficar alerta como: presença de adultos em locais com predominância de público infantil sem estar acompanhado de uma criança, olhares maliciosos dirigidos às mesmas, insistência em manter contato frequente e desnecessário com a criança, mudança de atitudes da criança com relação a determinada pessoa, mudanças de comportamento ao brincar e falar, falas erotizadas não condizentes com a idade e finalmente a mesma frisa concordando com os autores deste artigo que a melhor forma de evitar o abuso é a informação dos responsáveis, das crianças que possibilitam identificar todos os fatores de risco orientam como agir em caso de suspeita de pedofilia.

Além da rede de proteção à qual a criança é encaminhada geralmente pela escola, há um importante canal de denúncia, o Disque 100 que possibilita a abertura de investigação em casos suspeitos.

## **Conclusão**

O presente trabalho vem para reafirmar os estudos já publicados sobre o modo de agir das pessoas com Transtorno Pedofílico, como se aproximam das suas vítimas, bem como o quanto é difícil para as pessoas ao redor identificar esses criminosos.

Constatou-se a importância de observarmos as mudanças de comportamento infantil que em muitas das vezes são o fio condutor que leva à descoberta do abuso sexual.

Levantou-se dados importantes sobre as ocorrências do abuso (quase sempre no âmbito familiar) para que as pessoas estejam mais atentas às relações que envolvam crianças, para que se consiga desfazer a visão romanceada de que o seio familiar é sagrado e que nada de ruim pode acontecer, infelizmente os dados pesquisados refutam esse pensamento indicando que a mudança de mentalidade é apenas uma das atitudes que podemos e devemos adotar para proteger nossas crianças.

Este estudo traz importante informação sobre como denunciar, via telefone, bem como o esclarecimento de como são feitos os procedimentos de apuração dos fatos denunciados.

No entanto, o que mais chamou a atenção foi a dificuldade de realização de um trabalho preventivo contra a pedofilia, onde a entrevistada reconhece a dificuldade do Conselho Tutelar em realizar este trabalho (palestras nas escolas, para a comunidade em geral) e ao concluir o estudo, pretendo dar transformá-lo em um material a ser apresentado em escolas e outras instituições de interesse como forma de utilizar o conhecimento adquirido devolvendo-o em benefício da comunidade, vejo este fato como um dever de estudante de Psicologia e como cidadã.

## **Referências bibliográficas**

HABIGZANG, Luísa F.; CAMINHA, Renato M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes:** Casa do Psicólogo, 2004

JUUL, Jesper. **Criando uma família competente- os princípios básicos para um bom e equilibrado relacionamento familiar:** Editora Novo Século, 2009

### **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – 5)**

American Psychiatric Association. 5º ed. ARTMED, 2014

PUCCI, Beatriz Helena Barreira; OLIVEIRA, Sandra Garcia de Oliveira

**Monstro não se aproxima de criança - Guia contra a pedofilia para pais, educadores e sociedade:** Globus Editora, 2013

MAY, Rollo: **Poder e Inocência – Uma análise das fontes de violência**

Editora Guanabara, 1981

SALTER, Anna C., PH.D

**PREDADORES – Pedófilos, estupradores e outros agressores sexuais: quem são, como agem e como podemos proteger a nós mesmos e nossos filhos**

M. Books, 2009

JEAMET, Phillippe; REYNAUD Michel; CONSOLI, Silla

**Psicologia Médica**, 2ºed, MEDSI, 1996

LEAL, Gláucia.

**Revista Mente e Cérebro**, 2005, pg 63